

“SE A COISA TÁ PRETA, A COISA TÁ BOA”: A RESISTÊNCIA DO SUJEITO NEGRO FRENTE A EXPRESSÕES RACISTAS

“IF THE THING IS BLACK, THE THING IS GOOD”: THE RESISTANCE OF THE BLACK SUBJECT TOWARDS RACIST EXPRESSIONS

Luciana Iost Vinhas¹

Pessoas oprimidas não podem permanecer oprimidas para sempre. O anseio pela liberdade eventualmente se manifesta.
Martin Luther King

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir a resistência a partir das expressões “cor do pecado” e “a coisa tá preta”, cujos sentidos homogeneizados atualizam o discurso racista. O corpus é formado pelas músicas *Da cor do pecado* (1959), de composição de Bororó, *Meu caro amigo* (1976), de Chico Buarque, *A coisa tá preta* (2016), de Rincón Sapiência, e, também, a ilustração da artista Denise Silva. Para atingir os objetivos do trabalho, o corpus será tratado a partir da Análise de discurso francesa e serão articulados os conceitos de memória discursiva, resistência e desidentificação.

Palavras chaves: Racismo. Análise do discurso. Resistência.

Abstract: This article aims to discuss the resistance through the analysis of the expressions “color of sin”, and “things look black” whose homogenized senses put the racist discourse in circulation. The corpus is formed by the songs *The color of sin* (1959), composed by Bororó, *My dear friend* (1976), by Chico Buarque, *The thing is black* (2016), by Rincón Sapiência, and an illustration by the artist Denise Silva. To achieve the objectives of the article, the corpus will be analyzed by the French Discourse Analysis, and the concepts of discursive memory, resistance and disidentification will be approached.

¹ É professora de Língua Portuguesa e Linguística na Universidade Federal de Pelotas. É Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Lidera o grupo de pesquisa Ordinário do Sentido e Resistência (OuSaR-UFPEL). E-mail: lucianavinhas@gmail.com

Key-words: *Racism. Discourse Analysis. Resitance*

Considerações iniciais

Três séculos da história do Brasil foram marcados pela escravização de pessoas negras, o período mais sombrio no percurso do nosso país². A maior consequência desse processo de escravização é o racismo, discurso que é reproduzido em nossa sociedade através, principalmente, da língua, a qual materializa o discurso dos sujeitos identificados com uma determinada posição política, ideológica e de classe. Por isso, o objeto desse trabalho é constituído por textos do campo discursivo artístico, a saber, as músicas “Da cor do pecado” e “Meu caro amigo”, que, em suas condições de produção, revelam o sentido hegemônico atribuído aos enunciados analisados; também analisamos o post criado pela artista Denise e a música de Rincón Sapiência, que revelam o movimento de desidentificação e resistência no uso das expressões “da cor do pecado” e “a coisa tá preta”, respectivamente. O trabalho tem como objetivo compreender como essas expressões funcionam discursivamente em um movimento de resistência a partir da língua. A descrição e a interpretação do *corpus* ocorrerão à luz da Análise do Discurso francesa (AD), pois a AD, conforme Orlandi (2000, p.16),

Levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela Língua com os sujeitos que a falam e as situações em que produz o seu dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade.

Como vimos, na AD importa o homem, a história, a linguagem e suas condições de produção, sendo que, conforme já apontou Henry (1992), a língua é relativamente autônoma, pois os processos de significação ancorados na língua só acontecem pelo estabelecimento de relações com aquilo que lhe é exterior. Assim, no presente trabalho, será importante refletir sobre a história do negro no Brasil, a sociedade que se constituiu em torno desses sujeitos para que, como analista do discurso, seja possível relacionar a linguagem com a sua exterioridade, nesse caso, mais especificamente, compreendendo o funcionamento da ideologia dominante atuante no processo de subjugação histórica da negritude.

Dentro do campo epistemológico em que se insere o *corpus*, entende-se que o termo desconstrução deve dar espaço para a noção de resistência, obedecendo aos pressupostos teóricos da AD. A resistência desestabiliza a relação do sujeito com a ideologia e, até mesmo, provoca um rompimento dessa relação. Muitas vezes, como no caso deste trabalho, a resistência tenta romper com um saber naturalizado, que já está impregnado em nossa sociedade e se faz necessário, dentro do processo político pelo qual somos constituídos como sujeitos, questioná-lo. Aqui se faz resistência duplamente: os enunciados analisados são gestos de resistência e, também, este trabalho se posiciona na ciência como uma forma de resistência à dominação do homem branco na sociedade burguesa, considerando que a prática científica não está dissociada da prática política. A resistência faz parte do posicionamento de quem produz análise de discurso pelo viés materialista, e entendemos que isso tem referência na sua posição ética (PÊCHEUX, 2006). Para que se atinja o objetivo pretendido, ao longo do texto serão

² Embora consideremos esse período como sombrio, entendemos que há outras formas de exploração da pessoa negra no Brasil, próprias de uma necropolítica (MBEMBE, 2018).

trabalhadas as noções de resistência, desidentificação e memória discursiva, conforme as teorizações de Michel Pêcheux.

A resistência na Análise de Discurso

Na AD pecheutiana, cujo campo de estudos comporta três bases teóricas - o materialismo histórico de Marx, relido por Althusser, a psicanálise de Freud, relida por Lacan, e a linguística de base estruturalista -, entende-se que o indivíduo é interpelado pela ideologia e, dessa forma, torna-se sujeito. É nesse processo de interpelação que ocorre a falha e é a partir dela que a resistência se torna possível, bem como a transformação das relações de produção. Para Pêcheux (2009, p. 281),

não há dominação sem resistência: primeiro prático da luta de classes, que significa que é preciso “ousar se revoltar”.
ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja: primado prático do inconsciente, que significa que é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, é preciso “ousar pensar por si mesmo”.

A resistência representa uma desestabilização da relação do sujeito com a ideologia dominante, que busca manter as relações de dominação de classe e obliterar a luta de classes. Na situação social aqui esboçada, estamos falando de um funcionamento ideológico que coloca o negro em situação de subalterno, de inferioridade em relação ao branco, e essa ideologia dominante é materializada no interior dos aparelhos de Estado, ou seja, ela está presente nas instituições, tais como escolas, órgãos de segurança, igreja, etc. Já afirmava Althusser (1970, p. 84) que “uma ideologia existe sempre num aparelho, na sua prática ou suas práticas. Esta existência é material”.

Além disso, é nessas instituições, onde o branco é “maioria” - ou seja, ele é considerado maioria não numa perspectiva quantitativa, mas, sim, de dominância com relação às outras posições políticas, ideológicas e de classe -, que se escutam enunciados como “*aquela morena é da cor do pecado*”, “*Tá feia a situação, a coisa tá preta!...*”, os quais reproduzem a posição hegemônica.

A reprodução insistente desses enunciados, vinculados a uma posição subalternizante e preconceituosa, evidencia a ideologia dominante atuando no processo de interpelação ideológica dos sujeitos, e essas expressões podem, até mesmo, ser produzidas por sujeitos falantes que são atuantes ou simpatizantes com a causa antirracista, dado o seu caráter hegemônico.

Com o movimento dos sujeitos negros observado neste artigo, percebe-se a resistência agindo nos enunciados selecionados, pois “*Se a coisa tá preta, a coisa tá boa!*”, “*Nem morena, nem mulata e sim negra!*”. Ferreira (2015, p. 65) nos esclarece sobre como ocorre a resistência do discurso:

Interpela diretamente a noção de ruptura presente como possibilidade de cada discurso. Essa resistência deriva da tensão existente entre a língua(gem) e a ideologia e as implicações que isso acarreta no campo discursivo. Assim como a língua, base material, resiste, o discurso, efeito de sentido entre interlocutores, também o faz. E isso se manifesta na rejeição ao conteudismo

e à explicação dos fatos do discurso pela evidência dos sentidos, devidamente naturalizados, pasteurizados, pelo trabalho da ideologia.

A resistência materializada nas expressões que compõem nosso objeto de trabalho nega os sentidos naturalizados que podem ser estabelecidos a partir desses enunciados. A réplica desses discursos evidencia a condenação do negro a estereótipos em virtude da cor da sua pele e eles têm origem na historicidade e ainda se mantêm nos discursos, os quais vêm se perpetuando ao longo do tempo.

Essas considerações nos levam a pensar sobre o papel da memória na constituição dos processos de significação. A partir da AD, podemos falar em memória discursiva, conceito que vem a somar nesse trabalho. O *corpus* exige falar em memória porque ela, conforme Pêcheux (2007, p. 50) não se refere à memória individual, mas deve ser entendida “nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”. Retomando o que foi dito anteriormente, é na memória que os estereótipos sobre o negro se regularizam e até se cristalizam. Indursky (2011, p. 70) nos diz que

se há repetição é porque há retomada/ regularização de sentidos que vão constituir uma memória que é social, mesmo que esta se apresente ao sujeito do discurso revestida da ordem do não-sabido. São os discursos em circulação, urdidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados.

A ideologia dominante faz com que essa memória sócio-histórica do negro ainda se mantenha cristalizada (*retomada, repetida, regularizada*), sendo reproduzida nas materialidades que serão aqui discutidas. Não podemos esquecer de que a nossa sociedade foi condicionada a condenar os negros, vendo-os como objetos, e isso, como já dito, se materializa através do discurso, que já vem carregado das palavras dos outros e assim regularizando os sentidos em torno dos negros. Exemplo disso está na relação entre segurança pública e as pessoas negras - por que sempre são os negros os suspeitos de crimes? A dita “atitude suspeita” parece ser sempre imputada aos sujeitos negros (SEMER, 2019), e isso se explica através de um processo sócio-histórico-ideológico que subjuga o corpo negro a uma posição marginalizada na nossa formação social.

A história (que não é) contada

Na seção anterior, trouxemos a citação de Pêcheux (2007) de que a memória discursiva contempla a memória mítica, a social e a memória do historiador. Dito isso, pretende-se apresentar brevemente a memória do historiador com o intuito de refletir sobre uma possível trajetória que fez com que os enunciados aqui discutidos tenham sido naturalizados em nossa sociedade. Essa memória é por nós compreendida como aquela autorizada a falar sobre os fatos, representando oficialmente a verdade institucionalizada. Ela consta nos documentos históricos, ocupa as páginas dos livros didáticos e, em função disso, é efeito de um processo de naturalização de sentidos – dos sentidos dominantes em nossa formação social. Ou seja, a memória do historiador diz respeito a um conjunto de saberes que podem e devem ser ditos

associados a uma posição dominante no complexo das formações discursivas, associada a uma concepção de história que não considera a contradição como constitutiva do movimento da história. Essa memória também compõe o saber hegemônico que ganha atualizações constantes por aqueles que podem e devem falar sobre a história de determinada cultura, sociedade, etc. A memória do historiador, por essa perspectiva, concerne à memória da história dos vencedores, mesmo que esses vencedores produzam, nos escombros, outras histórias que não podem (e não devem) ser ditas (BENJAMIN, 1994).

A entrada do negro no Brasil começou pelo sequestro e escravização de mulheres e homens oriundos do continente africano, cuja duração foi de mais de dois séculos em nosso país (início do século XVI ao século XIX). Segundo Amaral (2011), havia um interesse também em escravizar os índios, mas houve preferência pelos negros, porque eles conseguiram se adaptar às rotinas de “trabalho”, já que os povos indígenas se dedicam mais aos rituais, por exemplo.

A coisificação dos povos escravizados foi uma das estratégias de dominação, ou seja, na condição de “coisa” não podiam possuir e legar bens, constituir poupança, nem testemunhar em processos judiciais (AMARAL, 2011). Um fato curioso e conveniente para o trabalho é o de que as pessoas escravizadas tinham certa liberdade de ir e vir, pois, conforme o autor, havia uma sociedade vigilante que concordava com o escravagismo. Por isso, quando havia fuga, a sociedade branca estava disposta a ajudar na captura do escravizado, sendo a pessoa negra escravizada fugida reportada nos anúncios de jornal da época³.

É inegável que o povo africano, que foi tirado de sua terra para ser explorado, apresentou muita resistência contra essa dominação senhorial. Nascimento (1978, p. 57 [grifos do autor]) evidencia isso ao dizer que

Desde o início da escravidão os africanos confrontaram a instituição, negando fatalmente a versão oficial de sua docilidade ao regime, assim como sua hipotética *aptidão natural* para o trabalho forçado. Eles recorreram a várias formas de protesto e recusa daquela condição que lhes fora imposta, entre as quais se incluíam o suicídio, o crime, a fuga, a insurreição, a revolta. O escravo praticou ainda a forma não-violenta ou pacifista de manifestar sua inconformidade com o sistema. Foi o mais triste e trágico tipo de rejeição – o *banzo*. O africano era afetado de uma patética paralisação da vontade de viver, uma perda definitiva de toda e qualquer esperança. Faltavam-lhe as energias, e assim ele, silencioso no seu desespero crescente, ia morrendo aos poucos, se acabando lentamente.

É com muito esforço que temos o conhecimento de que a história dos negros no Brasil foi marcada por intensa luta e resistência pela liberdade. Prova disso é a maneira como conhecemos a nossa história na escola – fala-se em submissão, subordinação e, muitas vezes, fazem com que pensemos que a cor da pele negra é o fator óbvio para o exercício da dominação. Sabendo que é nas instituições que a ideologia dominante atua (PÊCHEUX, 2014), podemos apontar que o Aparelho Ideológico de Estado (AIE) escolar⁴ é um fator importante para a

³ Uma importante reflexão sobre os anúncios de jornal dos escravos fugidos é feita por Ferrari (2006).

⁴ É importante enfatizar que esse aparelho não atua sozinho. Há toda uma sociedade que reproduz esses saberes através das instituições. Almeida (2018, p. 30) apresenta-nos a noção de racismo estrutural apontando que “(...) a principal tese de quem afirma a existência de racismo institucional é que os conflitos raciais também são parte das instituições. Assim, a desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada

reprodução do imaginário do negro como sujeito submisso, que não resiste e deve sempre obedecer a um senhor branco. Amaral (2011, p. 17) já nos alerta sobre isso ao dizer que “a identificação direta entre negro e escravo deve ser vista como fazendo parte de uma ideologia racista de dominação que buscou, no século XIX, desqualificar o trabalhador negro em comparação com o imigrante europeu”.

Essas breves linhas sobre a nossa história do negro no Brasil, que também é a história da formação social brasileira, foram apresentadas para tentarmos entender um pouco sobre a relação dessa história com a memória discursiva que atravessa os enunciados que logo serão analisados com mais detalhe. Entendemos que, para o estabelecimento de sentido a partir dos enunciados analisados, é importante compreender como esses enunciados representam a dominação de um discurso racista na determinação dos processos de significação. As expressões “*cor do pecado*”, “*mulata/ morena*” e “*a coisa tá preta*” têm sua origem a partir do processo de escravização a que os negros e negras foram submetidos, através do sequestro e exploração operados pelos brancos europeus; a ideologia dominante branca insiste em nos definir, nos julgar, limitar os nossos direitos e nos exterminar⁵, pois, conforme Nascimento (2016), o Estado é capaz de definir quem deve viver e quem deve morrer, e uma das formas de consolidação desse poder é através da divisão da sociedade em grupos, isto é, em raças.

Senhores, eu nego esse lugar! Descrição e análise do *corpus*

A desidentificação ocorre por meio de uma ruptura ideológica com a forma-sujeito da formação discursiva dominante, ou seja, aquilo que é reproduzido como uma obviedade pelo sujeito passa a ser objeto de negação, e o sujeito se identifica com outra formação discursiva presente no complexo de formações discursivas do interdiscurso. Pêcheux (2009) diz que a modalidade subjetiva da desidentificação afeta a relação Sujeito/sujeito. Importante lembrar que, além da desidentificação, Pêcheux também fala em identificação, quando o sujeito não questiona os saberes da formação discursiva que (predominantemente) o interpela, e a contraidentificação, quando existe dúvida, revolta e questionamento em relação ao discurso dominante.

Essa tomada de posição é alinhada com o enunciado “Ousar se revoltar”, presente em dois textos de Pêcheux: “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação” (PÊCHEUX, 2009) e “Ousar pensar e ousar se revoltar: ideologia, marxismo, luta de classes” (PÊCHEUX, 2014). Considerando a trajetória do negro no país, essa é uma tomada mais do que necessária, porque, há muito tempo, a única narrativa autorizada na nossa formação social é a narrativa do homem branco, a qual não contempla todo o processo de subjugação e exploração a que as negras e os negros foram submetidos. Essa narrativa diz, a

de grupos ou de indivíduos racistas, mas fundamental porque as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos”.

5 A fim de justificar a utilização do termo, refiro-me aqui às políticas de segurança e às abordagens policiais que ainda têm feito vítimas no país, que, na sua maioria, são pessoas negras, mais precisamente jovens negros do sexo masculino. Tudo isso aliado ao estereótipo de que “todo o negro é ladrão” - expressão que muito bem poderia fazer parte do *corpus* desse trabalho, mas que, por outros motivos, não far-se-á presente. Corroborando essa afirmação, indicamos a leitura dessas duas notícias divulgadas no Portal G1: <<http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2013/01/pm-de-campinas-deixa-vazar-ordem-para-priorizar-abordagens-em-negros.html>> Acesso em 10 de Março de 2020 e <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/02/08/80percent-dos-mortos-por-policiais-no-rj-no-1-semester-de-2019-eram-negros-e-pardos-aponta-levantamento.ghtml>>. Acesso em 12 de Março de 2020.

partir da posição dominante, como o sujeito negro deve ser, e, com a desidentificação a essa posição, é possível narrar e fazer emergir uma nova rede de formulações.

A seguir, com a análise do *corpus*, será mostrado como ocorre essa resistência: uma resistência fala de um lugar que não se identifica com a ideologia dominante. O objetivo da análise é apontar como está ocorrendo a desidentificação e a resistência a partir das expressões selecionadas. Esse processo de emergência de novas discursividades não acontecem por mera contingência ou acaso, mas é efeito de diferentes movimentos de resistência que, por uma identificação do sujeito com a posição dominada, permitem a circulação e formulação de saberes que não materializam a posição dominante. Isso ocorre, conforme será observado, na língua: pela negação, pelo discurso relatado, pela re-designação, dentre outros mecanismos linguísticos que permitem a emergência do discurso da posição dominada. Por isso, o *corpus* é constituído de discursos que refletem: (1) identificação com a ideologia dominante; e (2) desidentificação com a ideologia dominante.

A “*cor do pecado*”

Vivemos em um país que é laico, de acordo com a Constituição, mas algumas de suas práticas ainda são debatidas e pensadas dentro de preceitos cristãos. Exemplo disso é o debate em torno do direito das mulheres como o aborto e a liberdade sexual. Também ressalta-se o fato de que há, atualmente, 91 parlamentares da bancada evangélica, segundo dados levantados pela Agência Brasil em 2018.

Por isso, referir-se à cor negra como a “*cor do pecado*”, crendo estar fazendo um elogio, é categorizá-la como algo proibido, nesse caso, da ordem do sexo e do pecado. Trazemos, em (01), a letra da música “*Da cor do pecado*”, lançada em 1993 com a interpretação do cantor Fagner e composição de Alberto da Silva (Bororó).

Letra da música “*Da cor do pecado*”, de Alberto da Silva.

Esse corpo moreno, cheiroso e gostoso / Que você tem, é um corpo delgado / Da cor do pecado que faz tão bem / E esse beijo molhado, escandalizado / Que você me deu / Tem um sabor diferente / que a boca da gente / Jamais esqueceu / E quando você me responde / Um das coisas com graça / A vaidade se esconde porque se revela / A maldade da raça / E esse cheiro de mato tem cheiro de fato / Saudade tristeza essa simples beleza / Teu corpo moreno, morena enlouquece / E eu não sei bem por quê / Só sinto na vida / O que vem de você

A letra correlaciona o corpo da mulher negra à sensualidade e a construção dos versos da música auxilia na formação da imagem desse corpo para o pecado, evidente nas seguintes sequências discursivas (SD) selecionadas a partir da letra da música: (SD1) esse corpo moreno, cheiroso e gostoso; (SD2) é um corpo delgado da cor do pecado que faz tão bem; e (SD3) teu corpo moreno, morena enlouquece.

Na SD1, há a descrição desse corpo a partir de três adjetivos: moreno, cheiroso e gostoso. O emprego de “moreno” permite identificar que a mulher, interlocutora do sujeito, é negra, pois o agenciamento desse termo é uma forma de evitar dizer “negra” ou “preta”, como se ambos os termos fossem alguma palavra interdita, que não pode e não deve ser dita. A partir das condições de produção apresentadas anteriormente, entende-se “moreno” como uma forma de o sujeito negar que ele está direcionando seu discurso romantizado (e não romântico)

para uma mulher negra, porque esse pecado deve ser feito em segredo, não pode ser anunciado para a sociedade (namoro, noivado, casamento). Metaforicamente, entende-se que ter uma relação com uma mulher negra também é pecado.

A SD2 é constituída por duas orações em relação de subordinação: (1) é um corpo delgado da cor do pecado; (2) que faz tão bem. A primeira oração tem delgado funcionando como adjetivo do substantivo corpo, caracterizando-o. A seguir, da cor do pecado atua como complemento nominal do substantivo corpo, núcleo do sintagma nominal, isto é, complementa o sentido expresso por essa estrutura.

A oração 2 é subordinada à primeira e classifica-se como oração adjetiva restritiva, pois refere-se ainda a determinado corpo: o delgado da cor do pecado. Do ponto de vista discursivo, entende-se que a relação entre a primeira e a segunda oração mobiliza os sentidos de que é o corpo da cor do pecado que faz tão bem, pois Cattlelan (2012, p. 403) já esclarece que as restritivas são capazes de “catalogar o mundo e estabelecer conjuntos de indivíduos que se diferenciam dos demais, constituindo subconjuntos dentre os segmentos mais gerais”, ou seja, não é qualquer corpo que faz bem, é o corpo delgado e da cor do pecado⁶.

Para o nosso estudo, essa reflexão contribui para outra leitura: “faz tão bem” refere-se aos desejos sexuais potencialmente satisfeitos desse sujeito-enunciador, e isso é propiciado pelo corpo que atende a dois padrões: (1) delgado; e (2) da cor do pecado. A SD3 justifica essa leitura. Os sentidos mobilizados na música podem ser explicados por alguns fatos. Historicamente, segundo Borges (2018), no período escravocrata, as mulheres negras eram violentadas sexualmente pelos senhores brancos de forma coercitiva. Davis (2016, p. 20) vem a somar, apontando que

Como mulheres, as escravas eram inerentemente vulneráveis a todas as formas de coerção sexual. Enquanto as punições mais violentas impostas aos homens consistiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres eram açoitadas, mutiladas e também estupradas. O estupro, na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras.

O que fica evidente é o duplo poder que esses homens, os senhores brancos, conseguiam exercer sobre as mulheres negras porque elas deviam lidar com o trabalho no campo, sem distinção, muitas vezes, das atividades desempenhadas pelos homens negros. Além disso, as violências sofridas pelas negras só eram possíveis em razão do gênero (BORGES, 2018).

A ideia de dominação do corpo da mulher negra como apenas um objeto sexual, de desejo, resulta em outra problemática: a dificuldade dessas mulheres em serem assumidas pelos seus parceiros (independente se forem brancos ou negros, porque há toda uma estrutura que prepara os homens a desejarem o corpo branco). E, novamente, é outra consequência do período colonial, pois Freyre (2003, p. 368) relata:

Conhecem-se casos no Brasil não só de predileção mas de exclusivismo: homens brancos que só gozam com negra. De rapaz de importante família rural de Pernambuco conta a tradição impossível aos pais promoverem-lhe o casamento com prima ou outras moças brancas de famílias igualmente ilustres. Só queria saber de molecas. Outro caso, referiu-nos Raoul Dunlop de

⁶ Sabemos que Pêcheux (1997) possui um estudo acerca das orações subordinadas adjetivas, mas decidimos não aprofundar essa questão neste momento.

um jovem de conhecida família escravocrata do Sul: este para excitar-se diante da noiva branca precisou, nas primeiras noites de casado, de levar para a alcova a camisa úmida de suor, impregnada de budum, da escrava negra sua amante. Casos de exclusivismo ou fixação. Mórbidos, portanto; mas através dos quais se sente a sombra do escravo negro sobre a vida sexual e de família do brasileiro.

A cor do pecado refere-se ao corpo da mulher negra como objeto para ser usado, largado e não assumido, é *o corpo moreno que aquece* (SD3). Em síntese, a mulher preta é vista como um objeto da dominação do homem, não tendo a possibilidade de se subjetivar como um sujeito-de-direito. É somente corpo, o corpo da luxúria, do desejo, do sexo. A mulher negra é significada como mulher para fazer sexo: fazer sexo fora do casamento é o pecado que, metaforicamente, se instala sobre a significação da mulher negra.

A desidentificação está no ato de negar o rótulo de “cor do pecado” e restringir-se a ser apenas um corpo restrito ao ato sexual. As mulheres negras também merecem e devem ter seus corpos respeitados. A artista Denise Silva, que expõe sua arte na página da rede social Facebook chamada *Denisenhando*, aborda temas como a valorização do cabelo crespo, respeito às diferenças, sororidade, racismo e padrão de beleza, e uma das suas obras vem contra o sentido hegemônico discutido em torno da expressão “da cor do pecado”, conforme pode ser observado em (02).

(02) Produção artística de Denise Silva.



Figura 1. Ilustração criada pela artista Denise Silva.

Percebe-se que a ilustração é composta por elementos verbais e não-verbais. Primeiramente, é possível perceber uma mulher negra e de cabelos crespos. No centro da imagem, no rosto da mulher, notamos o seguinte discurso “*Não sou moreninha da cor do pecado!*”.

A escolha da artista em posicionar o enunciado no rosto, parte central e importante para a nossa comunicação, notabiliza a urgência em negar os sentidos cristalizados pela ideologia dominante. Além disso, ela traz a discussão não só em relação à problematização em torno da locução “da cor do pecado”, mas também da palavra “moreninha”, que também funciona discursivamente da mesma forma que “morena”, ao invés de “negra” ou “preta”, conforme já foi mencionado.

Para Pêcheux (2009), as mesmas palavras, expressões e proposições podem ter o mesmo sentido ou podem ter sentidos diferentes, dependendo da formação discursiva a partir das quais têm o sentido atribuído. Percebe-se que o mesmo enunciado, “da cor do pecado”, pode significar de forma diferente em diferentes condições de produção, vinculado a diferentes formações discursivas. No primeiro exemplo, parece que ser “da cor do pecado” é algo positivo, que autoriza o exercício da masculinidade sobre o corpo negro feminino; no segundo caso, tem-se o sentido negativo da expressão, que remonta a uma crítica ao imaginário do corpo da mulher negra como somente responsável pelo prazer sexual do homem.

Assim, vale a pena falar um pouco mais sobre as palavras “morena” e “mulata”. Essas palavras são ditas, na maioria das vezes, como uma forma de evitar falar a palavra “negra” ou “preta”. A exemplo disso podemos retomar os primeiros versos da música de Bororó “*esse corpo moreno...*”. No Brasil, há estudiosos, como o antropólogo Munanga (2004), que fazem a discussão sobre o que é ser negro no Brasil e das complexidades acerca da questão. Munanga (2004, p.52) traz uma posição bem importante para nossa reflexão quando escreve que

Parece simples definir quem é negro no Brasil. Mas, num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não. Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso. Os conceitos de negro e de branco têm um fundamento etno-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico. Politicamente, os que atuam nos movimentos negros organizados qualificam como negra qualquer pessoa que tenha essa aparência.

As palavras “morena” e “mulata” vão ao encontro desses “ideais” apontados pelo antropólogo, pois referem-se a pessoas negras com o tom de pele mais clara, bem como àquelas que negam sua condição em relação a sua cor de pele. Dessa forma, evidenciam o embranquecimento inculcado no nosso processo identitário.

A coisa está preta

Talvez seja a expressão mais conhecida desse recorte. Essa expressão é dita sempre quando alguma situação está ruim, está feia, está difícil. A seguir, em (03), apresentamos a letra da música “Meu caro amigo”, do cantor e compositor Chico Buarque. Podemos observar melhor as condições de produção desse enunciado.

(03) Letra da música “Meu caro amigo”, de Chico Buarque.

Meu caro amigo, me perdoe, por favor / Se eu não lhe faço uma visita / Mas como agora apareceu um portador / Mando notícias nessa fita

Aqui na terra tão jogando futebol / Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll / Uns dias chove, noutros dias bate o sol / Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta

Muita mutreta pra levar a situação / Que a gente vai levando de teimoso e de pirraça / E a gente vai tomando que também sem a cachaça / Ninguém segura esse rojão

Meu caro amigo, eu não pretendo provocar / Nem aticar suas saudades / Mas acontece que não posso me furtar / A lhe contar as novidades

Aqui na terra tão jogando futebol / Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll / Uns dias chove, noutros dias bate o sol / Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta

É pirueta pra cavar o ganha-pão / Que a gente vai cavando só de birra, só de sarro / E a gente vai fumando que, também, sem um cigarro / Ninguém segura esse rojão

Meu caro amigo, eu quis até telefonar / Mas a tarifa não tem graça / Eu ando aflito pra fazer você ficar / A par de tudo que se passa

Aqui na terra tão jogando futebol / Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll / Uns dias chove, noutros dias bate o sol / Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta

Muita careta pra engolir a transação / Que a gente tá engolindo cada sapo no caminho / E a gente vai se amando que, também, sem um carinho / Ninguém segura esse rojão

Meu caro amigo, eu bem queria lhe escrever / Mas o correio andou arisco / Se me permitem, vou tentar lhe remeter / Notícias frescas nesse disco

Aqui na terra tão jogando futebol / Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll / Uns dias chove, noutros dias bate o sol / Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta

A Marieta manda um beijo para os seus / Um beijo na família, na Cecília e nas crianças / O Francis aproveita pra também mandar lembranças / A todo o pessoal / Adeus!

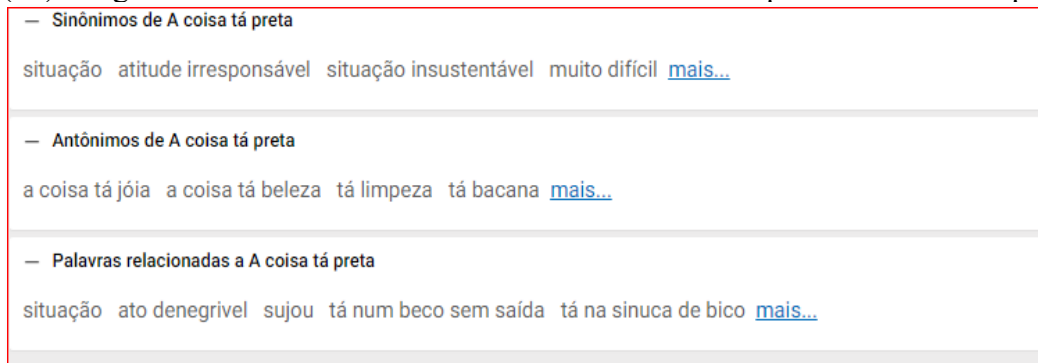
Essa música de Chico foi lançada em 1976 e está inserida no contexto da Ditadura militar no Brasil. A canção lembra a estrutura de uma carta (o vocativo no primeiro verso, as saudações para a família e o Adeus no último verso caracterizam o gênero) em que há um sujeito que está relatando os acontecimentos no Brasil, o qual sofre os males do regime ditador, para o amigo distante. Apesar da situação política, os brasileiros continuam jogando futebol, ouvindo samba, rock 'n roll, mas também chorando muito, isto é, estão passando por sofrimentos devido à coerção instalada pelo regime totalitário da época. No refrão da música é possível observar as seguintes sequências discursivas: (SD4) Uns dias chove, noutros dias bate o sol; e (SD5) mas o que eu quero é lhe dizer que **a coisa aqui tá preta**.

Considerando a conjuntura política brasileira em que está inserida a música, pode-se entender que, na SD4, o sujeito diz que há dias desesperançosos, desanimadores (os dias de chuva), e, também, os dias em que há esperança em um futuro melhor. Logo, na SD5, com a introdução da conjunção adversativa, demonstra-se que não se trata de esperanças e desesperanças restritas à vida cotidiana em particular, mas sim de uma situação mais difícil, de maior gravidade e dimensão, localizada no Brasil, por isso “a coisa aqui tá preta”. Importante ressaltar que a ditadura era associada à cor citada, associada à censura – se a coisa estava preta, além de estar difícil, estava truculenta, devido ao regime ditatorial, representado pelo “preto”, na letra da música. Podemos, aqui, fazer referência a Orlandi (2000, p. 29), quando a autora analisa a faixa preta *Vote sem medo*, escrita em letras brancas em época de eleições de um campus universitário: “A faixa negra traz em si uma memória. Se a observamos do ponto de vista da cromatografia política, o negro tem sido a cor do fascismo, dos conservadores, da “direita” em sua expressão política”.

Da forma como é construído o sentido da expressão “a coisa tá preta”, entende-se que ela denota algo ruim, difícil, feio. Ao fazer uma rápida pesquisa na internet em busca da

expressão, encontramos a seguinte definição no site Dicionário informal, o qual se define como “O dicionário de português gratuito para internet, onde as palavras são definidas pelos usuários. Uma iniciativa de documentar on-line a evolução do português”: “Dito popular, que significa que algo não vai bem”. Em (04), podemos verificar algumas ocorrências da referida expressão.

(04) Imagem do Dicionário informal com ocorrências da expressão “a coisa tá preta”.



8

Figura 2. Sinônimos, antônimos e palavras relacionadas à expressão

As relações estabelecidas com o enunciado em questão, tais como *irresponsabilidade*, *dificuldade*, *sujeira* e as condições de produção a que foi submetido na obra de Chico Buarque reforçam a afirmativa de que essa expressão remonta a um processo de constituição de sentidos advindos da opressão de raça, pois é associada a algo negativo, e isso, novamente, pode ser explicado na origem da formação da sociedade brasileira. Salientamos que o texto produzido por Chico busca denunciar elementos constitutivos da Ditadura brasileira; contudo, para fazê-lo, emprega uma expressão que naturaliza o preto como algo negativo.

Bento (2005, p. 196) apresenta-nos uma das situações a que os negros foram submetidos no período após a abolição da escravatura:

Uma enorme massa de negros libertos invadiu as ruas do país. Tanto eles como seus antigos senhores sabiam que sua condição miserável era fruto da violência física e simbólica perpetuada por quase quatro séculos pelas elites. É possível imaginar o pânico e o terror da elite, que investiu, então, nas políticas de imigração europeia, na exclusão desse contingente de pessoas do processo de industrialização que nascia, e no confinamento psiquiátrico e carcerário dos negros.

Ou seja, muitos pretos e pretas foram submetidos à marginalização depois da abolição da escravidão porque, na condição de ex-escravos, não possuíam bens ou lugares para recorrer em busca de abrigo. Os problemas sociais, tais como marginalização e miséria, gerados em função da ausência de políticas públicas para amparar essa população, foram associados a esse grupo de pessoas como se fosse algo intrínseco a eles, restrito à cor da pele. Portanto, o investimento na imigração europeia foi uma tentativa, dentre tantas, de embranquecer o país – tornando-o mais branco, tornando-o imaginariamente mais bonito e limpo, e “a coisa tá preta” denotava a presença dessa população e os problemas “que vinham com ela”.

A percepção do sentido em torno das palavras *negro* e *preto* fez com que pessoas negras, atuantes e participantes das causas pelos direitos desse grupo, se movimentassem para

ressignificar os sentidos hegemônicos desses termos. A partir disso, nota-se o movimento de resistência e desidentificação contra esses significados. Rincon Sapiência, cantor brasileiro de rap, demonstra-nos isso na letra da sua música “A coisa tá preta”, de sua própria composição e lançada em 2016, conforme pode ser observado em (05).

(05) Letra da música “A coisa tá preta”, de Rincon Sapiência.

Ei, pela minha raça não tem amor / *Lava a boca pra falar da minha cor / Se eles quiser provar do sabor / Peça benção pra bater no tambor / Nunca age, nunca fala / Que a melanina vira bengala / Só porque fugimos da senzala / Querem dizer que nóiz é mó mala / Abre alas, tamo passando / Polícia no pé, tão embaçando / Orgulho preto, manas e manos / Garfo no crespo, tamo se armando / De turbante ou bombeta / Vamo jogar, ganhar de lambreta / Problema deles, não se intrometa / Óia **a coisa tá ficando preta***

Essa batida faz um bem, diz da onde vem / Corpo não para de mexer da até calor / É vitamina pra alma, melanina tem / E todos querem degustar desse bom sabor

Vamo, vamo, vamo / Sem corpo mole, mole, mole / Tamo no corre, corre, corre / A coisa ta preta, preta / (Vam' bora!)

*Ritmo tribal no baile nós ginga / Cada ancestral no tronco nós vinga / Cada preto se sente Zumbi / E cada preta se sente a Nzinga / Pinga, quica, pinga, quica / Querendo uma brecha, toma bica / Misturou, mas a essência fica / Açúcar mascavo adocica / Sangue de escravo não, pulei / Vou um pouco mais longe, sangue de rei / Na onda do stereo história, prolongo / Não rola mistério, sou Manicongo / Ei, DJ, ferve mil grau / Arame, cabaça, pedaço de pau / Que nem capoeira fechou, berimbau / **A coisa tá preta, ó que legal***

Essa batida faz um bem, diz da onde vem / Corpo não para de mexer da até calor / É vitamina pra alma, melanina tem / E todos querem degustar desse bom sabor

*Vamo, vamo, vamo / Sem corpo mole, mole, mole / Tamo no corre, corre, corre / **A coisa ta preta, preta / Se eu te falar que a coisa tá preta / A coisa ta boa, pode acreditar / Seu preconceito vai arrumar treta***

Sai dessa garoa que é pra não moiá / Essa batida faz um bem, diz da onde vem / Corpo não para de mexer da até calor / É vitamina pra alma, melanina tem

A música de Rincón demonstra engajamento em evidenciar elementos culturais e históricos das raízes africanas. Na primeira estrofe apresenta os problemas enfrentados pela comunidade negra: “*pela minha raça não tem amor/ lava a boca pra falar da minha cor*”, apontando para os preconceitos a que a população negra é vulnerável. Depois, a partir da segunda estrofe, traz chamamento aos negros para um engajamento político em prol da cor: “*Orgulho preto, manas e manos*”. As próximas sequências discursivas são importantes para a nossa análise: (SD6) *Garfo no crespo, tamo se armando /De turbante ou bombeta*; (SD7) *Vamo jogar, ganhar de lambreta/ Problema deles, não se intrometa*; e (SD8) *Óia a coisa tá ficando preta*

A SD6 mostra os elementos culturais *pente garfo, turbante e bombeta* como armas contra o preconceito racial. O pente garfo é utilizado para dar mais volume ao cabelo Black, o qual, por muito tempo, foi e ainda hoje é motivo de discriminação e opressão. Processos capilares de alisamento foram impostos como padrão de beleza para contrastar com o cabelo crespo e, assim, passando a considerá-lo como feio, fora dos padrões. O turbante é um importante elemento da cultura afro. No Brasil, foi trazido pelas pessoas escravizadas e, na África, é muito usado como um adereço de vestimenta. Usá-lo é evidenciar um patrimônio que está nas raízes africanas, é colocar em evidência um pertencimento de raça. Já a bombeta é conhecida popularmente como boné, utilizado vastamente nos dias de hoje e, principalmente, em comunidades periféricas, onde a presença do negro é maior.

A SD7 se refere a um jogo, que se pode entender como sendo a trajetória necessária para combater o racismo. Logo, *ganhar de lambreta* estabelece uma metáfora entre a baixa velocidade da moto e o caminho retardante a que foram expostos os negros. O maior exemplo são os problemas sociais pós-abolição, cujas consequências são evidentes até hoje. Apesar de tudo isso, o sujeito afirma que esse jogo será ganho.

Já na SD8, o enunciado analisado passa a estabelecer um efeito de sentido diferente. “*A coisa tá preta*” porque os negros estão reivindicando o seu espaço, a sua história, a sua cultura. Os próximos versos corroboram com essa leitura “*Cada ancestral no tronco nós vinga / Cada preto se sente Zumbi / E cada preta se sente a Nzinga*”. Zumbi e Nzinga são símbolos de resistência em virtude de suas trajetórias no enfrentamento na e contra a escravização do povo negro.

As próximas sequências discursivas também reforçam o novo sentido estabelecido a partir do enunciado “coisa tá preta”: (SD9) Se eu te falar que a coisa tá preta / A coisa tá boa, pode acreditar; e (SD10) Seu preconceito vai arrumar treta/ Sai dessa garoa que é pra não moia. A SD9 opõe-se diretamente ao sentido hegemônico em torno da expressão “a coisa tá preta”, invertendo a sua semantização e, por isso, demonstrando desidentificação e resistência ao afirmar que, *se a coisa tá preta, a coisa tá coisa boa*. Já a última sequência discursiva afirma que, com esse novo movimento que nasce contra a discriminação racial, haverá reação a atitudes racistas. Os enunciados ditos em linguagem informal, fazendo o uso de gírias como “treta” e “garoa” mostram isso.

Portanto, ao contrário do sentido da expressão na música de Chico, manifestando a cor preta como algo negativo – e, no contexto da época, fazia relação com a própria ditadura, conforme já analisou Orlandi (2000) -, o enunciado “a coisa tá preta” estabelece outros efeitos de sentido, pois é atribuído a coisas boas, principalmente para a comunidade negra. Rincón evidencia o processo de desidentificação e resistência nos versos da sua música – o sujeito nega os sentidos cristalizados e geralmente atribuídos aos negros e resiste, exaltando exalta a cultura africana.

A expressão ressignificada vem ganhando bastante destaque, principalmente porque a música rap circula em ambientes onde há o alcance de pessoas negras. Estima-se, assim, que sua repercussão dê mais espaços para refletir sobre a ressignificação de outras expressões e atitudes racistas.

Considerações finais

Questionar e resistir são movimentos que sempre fizeram parte da história dos negros e das negras no Brasil. Urge cada vez mais que se tenha consciência do que é nosso - vamos contar a nossa história e lutar para conquistar o nosso espaço dentro de uma sociedade altamente racista.

As expressões aqui observadas, antes do processo de desidentificação, denunciam, em resumo, três ideias acerca do negro: (i) corpos negros servem para serem apenas usados, principalmente se relacionados à questão afetiva, e isso conserva o pensamento colonialista; (ii) tudo o que é preto é coisa ruim; e (3) dificultar o processo de identificação dos negros como tais é um mecanismo de retardar movimentos de resistência e militância.

A ideologia dominante racista se faz presente em todas as instituições e é por isso que todos os dias há algo muito grande tentando exterminar negras e negros. Lutamos para manter vivas as nossas tradições e, também, lutamos e resistimos através do discurso, porque é através dele que podemos mudar o mundo e fazer a revolução em prol de uma sociedade igualitária. A

resistência em nosso discurso possibilita três afirmações: (i) Somos donos do nosso corpo e da nossa história; (ii) Se a coisa está preta, a coisa está boa!; E (iii) Nós definimos quem somos!

A luta dos negros ainda tem um caminho longo a percorrer; a desidentificação com os ideais da ideologia dominante, que é burguesa e branca, talvez seja o primeiro passo para a revolução. Esse caminho, como já dito, será longo porque essa leitura não abrange ainda toda população negra –pois há mulheres negras e homens negros que reproduzem a ideologia dominante.

Por fim, acreditamos que esse trabalho consegue provocar a reflexão do leitor, auxiliando-o a se libertar dessa teia perigosa que é o racismo. Ademais, também pode comprovar que não há nenhuma dominação sem resistência!

Referências

A coisa tá preta. Cantor e intérprete Rincon Sapiência. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/7584/>. Acesso em 10 abr. de 2020

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos ideológicos do estado.** Lisboa: Editora presença, 2000.

AMARAL, Sharyse Piroupo do. **História do negro no Brasil.** Brasília: Ministério da Educação. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais, 2011.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: _____. **Magia e técnica, arte e política.** Obras escolhidas. v.1. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-232.

BENTO, Maria Aparecida; BEGHIN, Nathalie. **Juventude negra e exclusão radical.** Políticas sociais acompanhamento e análise [s. l.], n. 11, p. 194-198, ago. 2005. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=5773&Itemid=9. Acesso em: 15 mar. 2020.

CATTELAN, João C. **Michel Pêcheux: entre o óbvio e o nome complexo.** Revista Alfa, São Paulo, n.2, v. 57, p. 389-412, 2013.

Em crescimento, bancada evangélica terá 91 parlamentares no Congresso. Agência Brasil. Brasília, 18 out. 2018 Política. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/em-crescimento-bancada-evangelica-tera-91-parlamentares-no-congresso>. Acesso em: 17 mar. 2020.

FERRARI, Ana Josefina. **A voz do dono: uma análise das descrições feitas nos anúncios de jornal dos escravos fugidos no oeste paulista entre 1870-1876.** Campinas: Pontes, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** 48ª edição. Recife: Editora Global, 2003.

Da cor do pecado. Composição de Bororó. Interpretado por Fagner. Disponível em <https://www.letras.mus.br/fagner/133038/>. Acesso em 10. Abr. 2020

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

INDURSKY, Freda. *A memória na cena do discurso*. In: Indursky, Freda; Mittman, Solange; Ferreira, M. C. (orgs.). **Memória e história na/ da análise do discurso**. Campinas, Mercado de Letras, 2011.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. *Resistir, resistir, resistir....: primado prático discursivo!* In.: SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari et al. (Org.). **Discurso, resistência e....** Cascavel: Edunioeste, 2015. p. 159-167.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. 3.ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

Meu caro amigo. Compositor e intérprete Chico Buarque. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/7584/>. Acesso em 10 abr. 2020.

MUNANGA, Kabengele. **A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil**. [Estudos Avançados]. Estudos Avançados, São Paulo, vol. 18, 50, p. 51-56, abr, 2004.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP. Pontes, 2000.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 4.ed. Campinas: Pontes, 2006.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2009.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org.) **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2007.

_____. Ousar pensar e ousar se revoltar: ideologia, marxismo, luta de classes. *Décalages*, vol. 1. Pg. 01- 22, 2014.

SEMER, Marcelo. **Entre salas e celas: dor e esperança nas crônicas de um juiz criminal**. 3.ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

SILVA, Denise. **Denisenhando: ilustrações poderosas com mensagens feministas**. Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/509962357806696554/>. Acesso em 09 ab2. 2020.

Artigo recebido em: 19 /05/ 2020

Aprovação final: 31/05/2021

10.35501/dissol.vi13.846